



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

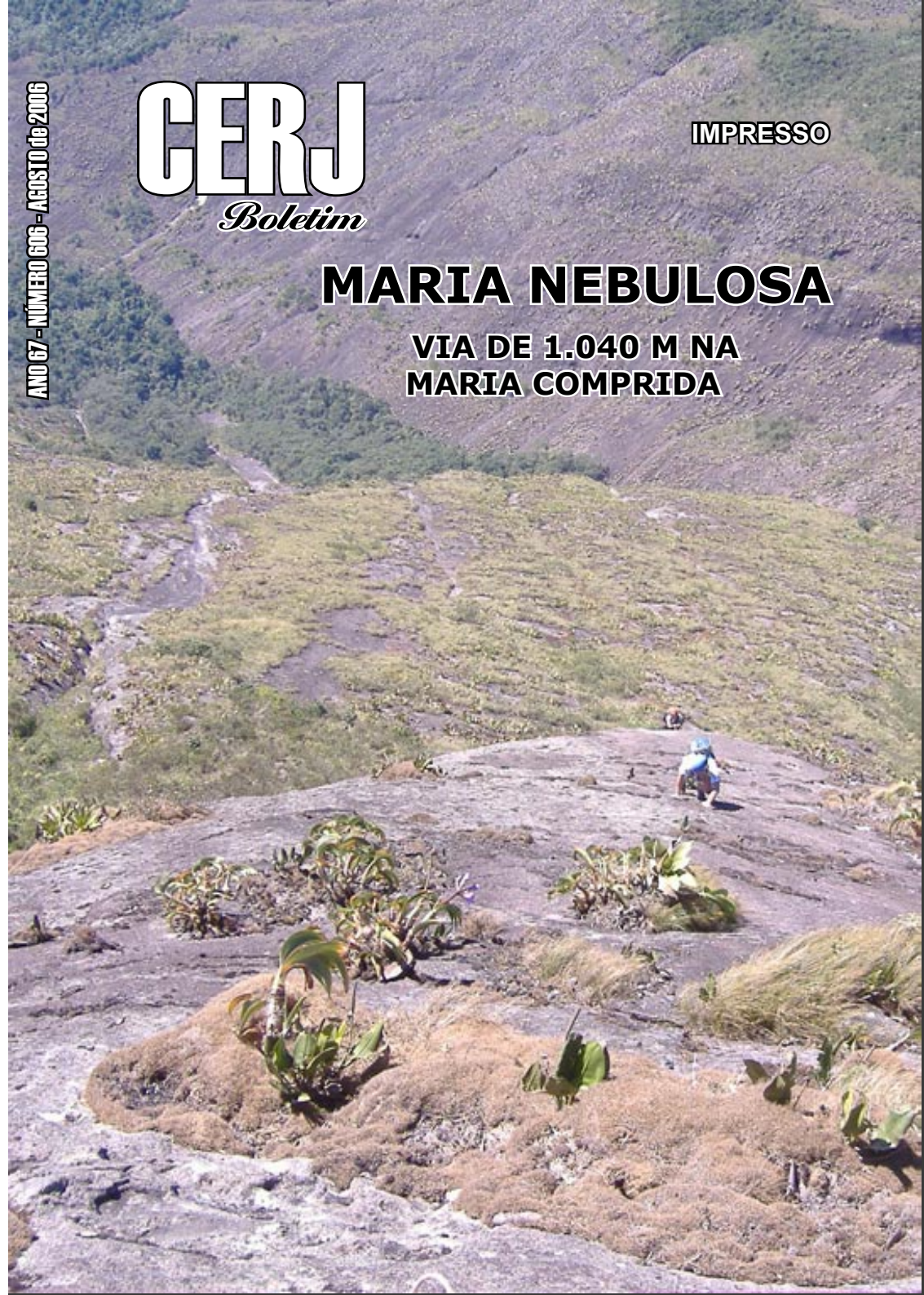
ANO 67 - NÚMERO 606 - AGOSTO de 2006

CERJ
Boletim

IMPRESSO

MARIA NEBULOSA

VIA DE 1.040 M NA
MARIA COMPRIDA





EXPEDIENTE 2006

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Gustavo Moulin

Diretora Social

Paula Garcia (in memorium)

Claudia Frias

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretor de Divulgação

Silvia Noronha

Divulgação eletrônica

Mônica Costa

Auxiliar de Divulgação

Miriam Gerber

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboleti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ

Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

MENINAS ESCALADORAS

No final da década de 80, eram poucas as meninas que dominavam a arte de escalar. Uma escaladora que naquela época me impressionou foi a Rosângela Chiarelli, a quem chamamos carinhosamente de Rô, pequenina no tamanho, mas enorme como escaladora e como pessoa. Um pouco antes desse período havia a Rainha da Stop, a nossa querida Norminha (nessa fase não nos conhecíamos). Mais tarde chegou a Jana, grande companheira de escaladas e com quem pude fazer umas vias mais técnicas. Não posso esquecer outra baixinha, a Cida, que durante um bom tempo foi minha parceira de escaladas (criatura maravilhosa). Temos a Miriam Jourdan, escaladora desde a década de 60, que participou de algumas conquistas. Lá pelo meio dos anos 90 surgiu Marilene Demuti, que foi a melhor aluna do seu CBM.

Hoje elas são quase maioria. Contando com as que já citei anteriormente, mais a Silvia Noronha (integrante de nossa Diretoria), Raquel, Silvinha, Miriam Bamó (integrante de nossa Diretoria), Claudinha Notre Dame (integrante de nossa Diretoria), Paulinha (in memoriam – ex-integrante de nossa Diretoria), Moniquinha (integrante de nossa Diretoria), Solange (integrante de nossa Diretoria), Ana Paula (integrante de nossa Diretoria), Natascha (ex-integrante de nossa Diretoria – desligamento por trabalho), Márcia D'Ávila (a nossa quase Diretora), Kátia Noronha, Marineth (grande companheira de excursões), Elma (valeu pelo retorno!), nossa amiga Iara, Telma (a nossa Maga Patalógica), Lorena, Vera, Carina, Andréia K2, Eneida, Mariléa etc (o problema de fazer relação de nomes é incorrer no risco de esquecer alguém), temos um verdadeiro batalhão de escaladoras. Com a presença dessas criaturas maravilhosas em nossas montanhas, nosso esporte ficou bem melhor de ser praticado.

Às Meninas Escaladoras o meu respeito e admiração.

José Carlos Muniz

Presidente CERJ

Foto de capa: Bula e Silvia na Maria Nebulosa (foto cedida pela Ester). Para saber sobre a conquista da via: http://www.zone.com.br/aventurabrasil/index.php?destino=reportagens_mostra&id=6888&pg=1

Duas leituras imperdíveis

Este ano ampliaram-se ainda mais as publicações sobre montanhismo. Waldecy Lucena, o Wal, lançou o livro "História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos Primórdios aos anos 1940" (Editora Montanhar). Ele garimpou nos arquivos dos clubes



e nos relatórios de excursões e guardou relatos de montanhistas "da antiga", para nos contar de forma amena como progrediu o montanhismo no estado. Através desta leitura, nos informamos como chegaram a cumes como o Dedo de Deus e Agulha do Diabo; como os escaladores antigamente, quando não existiam equipamentos tão sofisticados e adequados, se engenhavam para vencer grandes obstáculos. Eles tinham muita coragem para subir paredes difíceis, calçados de botas ou de "china pau". Wal também vai nos contando a história do surgimento dos clubes, o tipo de excursões feitas antigamente e a importância dos clubes na sociedade carioca. Belo aporte à história do Rio de Janeiro. Parabéns mais uma vez, Wal!

Jean Pierre Van der Weid publicou "Horizontes Verticais", livro de memórias de conquistas e excursões nas quais foi protagonista, e expõe a paixão que sente pela montanha. O relato me levou às lágrimas em várias passagens, entre elas, quando ele nos conta que era apenas um garoto e se entusiasmou pela atividade, mesmo tendo poucas possibilidades de escalar. Ele começa a frequentar os clubes, afirmando: "Descobri um mundo novo". Na sua primeira escalada ao Dedo de Deus, nos relata o rapel com a corda friccionando no corpo: o protetor saiu do lugar e ele

estava de calças curtas "Fiquei ali, girando, pendurado na corda, descendo milímetro a milímetro enquanto a corda arrancava-me lentamente a pele da perna".

Noutro episódio, ele conta que foi fazer a Petrô-Terê pela primeira vez, com aquele equipamento da época. À noite, ele acorda, morto de sede, e, no escuro, pega um cantil e bebe, só que era querosene: "Engoli miolo de pão à guisa de esponja e com o dedo na garganta forcei o vômito", quando amanheceu, estava bem.

No capítulo que fala na descida do Mont Blanc, na Suíça, narra como os participantes se depararam com uma rampa de gelo duro e liso, obrigando-os a descer amarrados. A mulher dele, que ia à frente, sofre uma queda numa passagem muito exposta; felizmente consegue segurá-la travando a corda. Por último, nas suas conclusões de porquê nós vamos à montanha e perseguimos tanto chegar ao cume, ele diz: "Escalada é um movimento constante, uma viagem interior da qual o parceiro participa".

Lendo este livro, humildemente sinto-me identificada com os seus sentimentos e, por outro lado, pequenina no que faço hoje na montanha. Meu coração não deixou de palpitar aceleradamente lendo cada um dos parágrafos, torcendo para que ele e os seus companheiros atingissem sempre o objetivo. Obrigada pela generosidade de nos fazer participarmos das suas experiências.

Miriam Gerber

Acima, o lance final da Agulha do Diabo, no início dos anos 40 (Arquivo: CEB). Ao lado, Jean Pierre num lance ousado no teto do Filhote, 1973 (Foto: Luiz Penna França). Os livros estão à venda no CERJ



PICO TAUNAY

Manhã de 16 de julho. Nosso objetivo era fazer a primeira excursão ao Pico Taunay (731 m; na Floresta da Tijuca), atingido pelo Alfredo (CEC) em junho, após várias investidas. Subimos por uma trilha bem tranqüila passando por um lindo bosque e árvores muito antigas com uma base monstruosa. Passamos por uma chaminé pequena e uma passagem por onde tínhamos que nos arrastar. Depois, na parte mais íngreme, foi um toca pra cima sem pedras, em um terreno meio frágil. E lá fomos nós...



Vista do Taunay para Pico da Tijuca e João Antônio (Foto: Jaques)

Chegamos a três conclusões:

- mais cedo ou mais tarde, o chefe de uma pessoa do grupo vai mandá-la como representante dele nos enterros da família;
- não existe chefe legal – mais cedo ou mais tarde ele vai mostrar quem é e como usa o poder;
- como o Gerardo fala...

Chegamos primeiro ao Escragnole, um pico um pouco mais alto que o Taunay (733 m), mas sem visual. Descemos então e partimos direto ao nosso objetivo. O final da trilha que dá acesso ao cume do Taunay não existia mais e foi aberto pelo grupo do Alfredo, nas últimas investidas. O caminho ainda está lotado de formigueiros. Eram vários e a Ana Paula que o diga – tadinha... O primeiro pisa, as bichinhas reagem imediatamente, lógico, e quem vem logo atrás é imediatamente atacado: pernas, braços e até o rosto picado... Vê se na próxima vez vocês olham por onde pisam... (rsrsrs)

Na chegada ao cume, às 11h15, fomos recebidos por um visual maravilhoso. Nunca tinha visto o Pico da Tijuca por aquele ângulo. E nem Jacarepaguá... Aliás, como Jacarepaguá é enorme... à esquerda, toda a Barra da Tijuca...

Dia lindo... visual maravilhoso e uma hora deitados e sentados em cima de uma pedra gostosa que era do tamanho exato para acomodar um grupo de seis pessoas. Parecia que tinha sido escolhida para isso. Papo agradável e muitas risadas falando mal de todos os chefes do mundo. Como é chato ser escravo dos outros e coisas do tipo.

Hora de voltar pra casa. Descemos por outro caminho e acabamos levando o mesmo tempo da subida. A parte que o Alfredo imaginava estar fechada tinha sido (e muito recentemente) aberta por alguém. Não tivemos que passar arrastados pelo chão como ele estava imaginando. Depois de um banho de gato no chuveirinho (lugar maneiríssimo), tocamos direto para o carro. Estávamos lá às 15h20.

Duas observações finais: 1) não vi borboletas pelo caminho... sniff... 2) estou muito feliz por estar voltando a uma atividade que adoro, na companhia de pessoas tão especiais.

Participaram da excursão: Alfredo (do CEC), Ana Paula, Miriam, Gerardo, Solange e eu.

Tere D. Almeida e Silva

Data	Atividade	Tipo	Responsável
05 de agosto	Paredão Entropia	Escalada 2º III	Zé
06 de agosto*	Lagatino (base da Stop)	Mutirão de reflorestamento	Sávio
12 de agosto	Cabeça de Peixe	Caminhada pesada	Zé
12 de agosto	Passagem da Neblina	Caminhada leve superior	Mollica
13 de agosto	Paredão Antares	Escalada 2º III	Carrozzino
19 de agosto	Travessia Alto da Boa Vista - Horto	Caminhada leve superior	André Paz
19 de agosto	Chaminé Stop	Escalada 3º IIIsup	Mollica
20 de agosto	Pedra do Conde, Morro do Anhanguera	Caminhada leve	Muniz
20 de agosto	Dedo de Deus (via Maria Cebola)	Escalada 3º IIIsup	Julio / Mollica / Dex
20 de agosto	Escalavrado (especial para Velha Guarda)	Caminhada semi-pesada	Zé / Carrozzino
26 de agosto	Reinaldo Behnken	Escalada 3º IIIsup	Zé
26 de agosto	Salomith	Escalada 3º III	Silvia
26 e 27 de agosto	Travessia Petrô-Terê	Caminhada pesada com acampamento	Miriam Gerber
27 de agosto	Alto Mourão	Caminhada leve superior	André Paz
03 de setembro	Paredão Paraíso Perdido (P3)	Escalada 3º V	Silvia / Mollica
03 de setembro	Estranho no Ninho	Escalada 5º VIIa	Julio / Daniel

* Se chover, é transferido para o domingo seguinte.

PRANCHETA INVERTIDA

Todos os sócios podem abrir prancheta invertida para os locais que desejarem ir (escaladas e caminhadas). Basta pedir o formulário na secretaria do clube e anotar seu nome e a montanha ou via de escalada que gostaria de conhecer. Deixe o pedido no quadro de pranchetas.

Equipamentos móveis

O já conhecido e experiente escalador André Ilha, um dos maiores entusiastas e difusor do uso de equipamentos móveis para escalada no Brasil, ministrou, nos dias 20 e 21 de junho na sede do CERJ, uma palestra sobre Escalada com a utilização de Equipamentos Móveis.

No primeiro dia foram abordados os seguintes assuntos: história dos equipamentos móveis e tipos de equipamentos móveis bem como seus modelos e utilização. O palestrante ainda explanou sobre sua experiência e conquistas com utilização de equipamentos móveis, os novos equipamentos que estão surgindo no mercado, além explicar sobre a técnica e os problemas na colocação dos equipamentos. Os equipos para progressão em livre abordados foram: friends, camalots, tri-cams, hexcentrics, stoppers, big-bro, micro-stoppers, micro-friends e ball-nut, além de outros que já caíram em desuso como o slider, jocker e o bong-bong.

No segundo dia, o palestrante discorreu assuntos referentes a paradas (reuniões) com a utilização de equipamentos móveis, mostrando técnicas de montagem da parada e técnicas de equalização de peças, além disso, fez uma abordagem sobre o tipo de rocha e o tipo de equipamento mais adequado. Falou sobre a utilização de nuts feitos com cordeletes de vários diâmetros e de determinados locais de escalada onde só é permitido escalar com esse tipo de equipamento.

Entre outros assuntos, o palestrante também falou sobre a utilização de pitons, mostrando as técnicas de colocação e de retirada. Foram abordados os seguintes modelos: rurp, knifeblades, bugaboos, lost arrows e angles. Outro assunto abordado foi o uso de equipamentos para progressão artificial móvel; o palestrante falou de alguns tipos mais comuns: cliffhanger, cliff-talon, grappling hook e peckers.

Os dois dias de palestra foram bastante proveitosos, com a presença de vários escaladores do próprio CERJ, escaladores de outros clubes e independentes, o que proporcionou um debate bastante amplo e enriquecedor para todos.

Embora a palestra tenha sido gratuita, ela não deixou nada a desejar em nível técnico e qualidade!

Obrigado André por mais essa!

(Julio Mello)

O CERJ agradece

A Alfred Khoury pela doação em dinheiro feita ao CERJ, ao final de sua estada no Rio de Janeiro, em junho. Alfred, norte-americano, amigo da Sandra Corso, esteve no Dedo de Deus com os nossos guias José de Oliveira Barros e a Jana, entre outras escaladas.

as referências que nos deram estavam aparentemente certas. Resultado: só encontramos a base da via às 13h. Missão abortada, remarcamos para 15 dias depois, 22 de julho.

Neste dia, então, tudo de novo... Petrópolis na sexta-feira etc. etc. Já sabíamos o caminho e evoluímos na programação. Fizemos a caminhada de acesso à base rapidamente e às 7h40 a Ester começou a escalar. Totalmente focada e muito calma. Nossos planos eram fazer de P1 a P4 de maneira tradicional, de P4 a P14 à francesa, e de P14 a P22 da forma tradicional novamente.

Antes da P1, o primeiro crux, uma barriga com uma fenda embaixo, protegida com um Camalot 3. Tudo certo, comecei a escalar, seguido pelo Bula. Cheguei na parada e assim que me soltarei, a Ester já estava recolhendo os equipos do rack do meu baudrier, enquanto falava baixinho e mansamente: "Tudo bem, maneiro, show, pode montar minha segurança". Instante seguinte, lá vai ela de novo. Chega o Bula. Imitando o Zagallo, comento: "Agora, só faltam 21!" (21 enfiadas).

E toca pra cima... chegamos na P4 às 9h; escalamos 200 metros em pouco mais de uma hora. E a Ester: "Pô... uma hora, maneeiro, shoow... pode montar minha segurança" e vupt!! Se mandou. Comentei com o Bula: "Pô, cara, já escalamos um Babilônia." E ele: "É... agora só falta um Aconcágua."

E toca pra cima, agora à francesa. Grampos apenas no final de cada esticção, ou seja, a cada 50 metros. Enfiadas de 2° e 3° graus com vegetação perto, nada muito macabro. A Ester focada continuava mandando ver lá em cima, à procura do próximo grampo. E nós, cá atrás, tentando acompanhá-la. 10h da matina, P14. Entraríamos agora na parte mais difícil da escalada, mas estávamos muito bem de tempo. Relaxamos um pouquinho e continuamos.

A via agora tinha lances um pouco mais trabalhosos. Uma pedra se soltou, passou perto da Silvia dando um susto na gente. Só

um susto, ainda bem. Um lance de 4° aqui, um outro de 4° sup ou 5° ali, só para exigir um pouco mais da nossa guia e dar diversão para quem ia atrás.

Até que, às 13h30, a Ester monta a última parada, P22, vê o cume e dá pulos de alegria. A saída dessa última enfiada é um 5° grauzinho na saída de um grande platô de vegetação e eu nem espero ela montar a minha segurança, vou logo atrás. Cheguei na P22 e subimos juntos até o cume, onde esperamos Bula e Silvia, que também já estavam chegando.

Por ali ficamos durante uma hora e meia tomando sol, lanchando, conversando e curtindo essa grande escalada. Esse "fazer nada" no cume foi o presente que nos demos. Pouco depois das 15h iniciamos a descida pela trilha, e às 17:20 chegamos na casa dos Del Cueto, onde a minha Marcia nos aguardava com o carro. Último grampo no Alemão da Baixada, com aquele chopinho maneiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A via está graduada como 3°V E4/E5. Nós achamos que é um 4° V E3. Os lances muito longos são fáceis. Na minha opinião é mais ou menos uma Sudoeste do Alto Mourão com dez esticções de 2° e 3° graus no meio.

Entre P10 e P13 a leitura da via é difícil por causa da vegetação. Não achamos P12.

A via não tem desafios técnicos, mas é uma baita escalada de aventura. Recomendando às pessoas que, como eu, gostam do gênero.

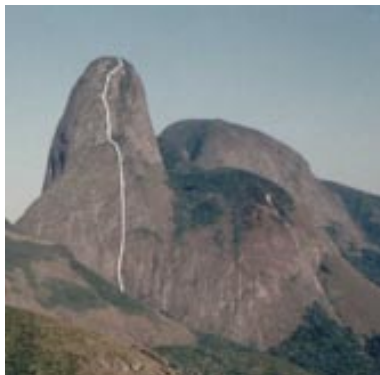
Não dá para fazer ou terminar a via à noite. A maioria das enfiadas tem só dois grampos entre as paradas; seria complicado encontrá-los no escuro, estando eles distantes 20 metros uns dos outros. Mas tem bons locais para bivaque.

A Marcia acordou às 4h30 da madrugada para nos levar de carro, desde Petrópolis até o início da caminhada, em Secretário, e foi nos resgatar em Araras, no fim da tarde. Antes de qualquer outra coisa, isso é amizade e companheirismo. Valeu!

Rafael Villaca

MARIA NEBULOSA

É engraçada a forma como alguns sonhos surgem em nossas mentes... Meses atrás, ainda no ápice do verão, peguei no clube o "Guia de Escaladas de Petrópolis" para ver se encontrava alguma coisa interessante fora do Rio. Num certo momento, dei de cara com o croqui da via Maria Nebulosa, na Maria Comprida, e fiquei espantado com



A Maria Comprida e a linha da via
(Foto: Projeto da via)

o tamanho dela: 1.040 metros de extensão, 22 enfiadas! Pensei: "Vou sacanear o 'Dex Odeio Calor'" que, na época, só queria saber de boulders, sombra e água fresca. Convidei o mulambo para ir nessa escalada de mais de 1 km. Era brincadeira, claro, mas o Dex pegou pilha e, meio apreensivo, me devolveu vários sites, croqui etc. a respeito da via. Aí fui eu que peguei a tal pilha e, como sempre, comecei a pensar: "Um dia, quem sabe".

Falei com algumas pessoas e ouvi histórias meio sinistras. Até então, a Nebulosa só havia tido quatro repetições desde que foi conquistada em 2002 – uma por um dos conquistadores (Alex), outra por um pessoal de Minas Gerais, outra por uns escaladores de Petrópolis e outra por quatro sócios do CEC, quando aconteceu um incidente que deu trabalho para o resgate (durante um trecho à francesa, o participante caiu). Com isso, até dia 22 de julho passado, aqui no Rio os comentários sobre a via eram sempre oriundos da galera do CEC, única cordada carioca que havia repetido a Nebulosa – justamente a que havia passado perrengue.

A exposição sugerida pelos conquistadores também colocava medo (E4/E5) e o croqui mostrava diversos lances de 4° e 5° graus. Pensei: "Pô", deve ser

sinistro... um dia, quem sabe..."

Passou algum tempo, até que soube que a Miriam Bamo gostava da caminhada até o cume da Maria Comprida e pedi para ela me levar até lá. Eu queria conhecer a área e olhar aquele lindo monstro de perto. Ela abriu uma prancheta, mas tivemos que desmarcar a primeira data por causa das chuvas. No dia 11 de

junho, nova prancheta e a Miriam guiou a caminhada até o cume.

Nesta excursão conheci a Ester Binsztok. Já a tinha visto no clube, mas ainda não havíamos sido apresentados. Ela veio até a mim, e com aquele seu jeitinho característico disse: "E aíê?? A Miriam falou que você tá a fim de fazer a Maria Nebulosa... eu também tô... dia 8 de julho? shooow... tá marcado!" Eu nem acreditei. Caraca... será que... caraca...

A Ester buscava, sem sucesso, mais duas pessoas conhecidas para fazer uma outra cordada. "Pô, Rafael, ninguém quer ir nessa roubada... vamos nós dois mesmo... show..." Mas aí Papai do Céu interferiu e dois dias antes da data marcada nos mandou uma dupla fantástica: Bula (CEC) e Silvia Noronha.

Na sexta-feira, 07/07, partimos para a casa de um amigo em Petrópolis. Dormimos lá para ficar mais perto da encrenca. Montamos a logística dos carros (a escalada é pela face leste; e a descida pela face oeste).

Às 6h15 começamos a caminhada em direção à base. Não há trilha, o acesso é através de um riacho, lindo por sinal, que emenda num costão até chegar na base. Só que esse riacho bifurca, formando dois costões. Entramos errado, mas

CHURRASCO PELOS 80 ANOS DO REINALDO BEHNKEN



(Ao lado, Portela, Ronaldo Paes e Behnken, na Abertura de Temporada de 2002 - Foto do Puppín)

Domingo, 03 de setembro, o CERJ estará oferecendo um churrasco em homenagem a de um de nossos maiores escaladores, que completa 80 anos no próximo dia 26 de agosto.

*O convite é extensivo a todos os clubes, à nova e à velha guarda!
Todos serão muito bem-vindos!*

*Local: Bom Retiro, Floresta da Tijuca, a partir de meio-dia
Convites na sede do clube com a Claudinha (diretora social) a R\$ 15,00 por pessoa (inclui bebidas)*

Aniversariantes

Agosto

- 02 ANDREA DE MATOS REI**
- 03 JORGE ANDRÉ FARIAS**
- 05 SERGIO DE SOUZA BAHIA**
- 06 JUSTO HELIO MONTEIRO**
- 11 MARCELO PEREIRA HADDAD**
- 15 PAULO BOAVENTURA NETTO**
- 22 LIVIA MUNIZ ASSIS**
- 26 REINALDO BEHNLEN**
- 30 WALTER MENDES DE SÁ**

SALINAS: DECADANCE AVEC ELEGANCE



Julio guiando a Decadance, no Pico Maior, em foto tirada pelo Adrian. Na página à direita, foto da linha da via

Há alguns anos que o nome dessa via ecoa na minha cabeça e eu estava super afim de fazê-la. Quando eu ainda estava no meu CBM e nem sabia da existência de Salinas, estive no CEG e ouvi algumas pessoas falando da Caixinha de Fósforo e do Pico Maior, no meio da conversa o Sblen fala para o Rogério que não poderia fazer a Decadance Avec Elegance porque não tinha um determinado friend que serviria para proteger um lance, e o Rogério disse que o compraria na Equinox e 'mandou': "Você não vai deixar de fazer a via por causa de um friend."

O tempo passou e aquela via permanecia distante para mim, ficou na minha cabeça; ouvia as pessoas falando muito bem de Salinas e dizendo que eu tinha que ir e fazer a Leste, mas o meu desejo era fazer a Decadance. Acho que o meu primeiro contato com Salinas foi em 2003 numa aula da ETGE no abrigo do Poyares, mas o dia estava chuvoso e nos limitamos a treinar nos blocos situados no terreno dele.

Em agosto de 2005 estive pela segunda vez em Salinas no seminário do PETP (Parque Estadual dos Três Picos) e o Bernardo me levou na via Roberta Groba, no Capacete. No Revéillon de 2005 voltei a Salinas, mas me limitei a escalar somente no Capacete. Agora em 2006, o Bernardo me levou na Arco da Velha, situada no Pico Maior, minha primeira ascensão neste pico e a Decadance ainda não saía da minha cabeça, teria de ser a minha primeira primeira guiada ali.

Quando fizemos o Arco da Velha começamos subindo pela Decadance. Ainda sem colocar os equipamentos, olhei bem para a base da via e me imaginei escalando. Começamos a subir e fomos logo enxotados pelas abelhas que não deram trégua até a base do Arco da Velha. A vontade de fazer a via aumentava e falei com o Arthurzinho se ele estava na 'pilha' de fazê-la; e ele não se mostrou muito animado mas de qualquer forma tínhamos combinado de ir à Salinas no

final da semana de 08 e 09/07/2006, só que o Arthurzinho não poderia ir na sexta à noite por conta de um trabalho de faculdade e então só escalaríamos no domingo.

Foi aí que o Adrian (CEC) me ligou e perguntou o que eu iria fazer no sábado; disse que estava indo para Salinas mas que só escalaria domingo e ele falou que também só iria escalar no domingo com o Fernando Vieira, então propus revezar a Decadance. O Adrian topou e pensei: "Beleza, será a minha primeira guiada no Pico Maior e na via que eu queria, a Decadance". Fizemos a logística da viagem, o Arthurzinho iria no sábado com o Fernando Vieira e eu iria com o Adrian na sexta, maravilha!!! Saímos do Rio às 19h50 e às 22h40 estávamos chegando em Salinas; estava fazendo um frio do cão e com a maior neblina. Entramos no abrigo do Serginho, comemos alguma coisa e cama direto.

Sábado, 5h30 da matina, frio congelante, a mão nem mexia direito, café da manhã reforçado e às 6h saímos para a caminhada do abrigo até a base da via Decadance Avec Elegance. Em determinado ponto da trilha avistamos uma cordada na parede, ainda ficamos em dúvida se os caras estavam no Arco ou na Decadance, mas reparamos que a cordada estava um pouco lenta. Olhamos um para o outro e pensamos a mesma coisa, vamos 'francesar' até P5 e pedir licença para passar a cordada. Uma coisa não saía da minha cabeça: as abelhas.

Chegamos na base e a cordada da frente estava em P3, começamos a nos arrumar e o Adrian partiu na frente e logo que a corda esticou fui junto; para a nossa sorte, me parece que as abelhas



também estavam com frio e nem saíram para tirar satisfação. Saímos tocando bem rápido e logo encostamos na cordada de cima e por sorte eram dois amigos do Teresopolitano, Zé Henrique e Rômulo, que não se incomodaram em nada em deixar a gente passar. A partir da P5 começamos a revezar a guiada até o fim da via. O Adrian me presenteou deixando que eu guiasse os lances 'fendados' com proteção móvel, entre P9 e P10 se não estou enganado, um trecho bem interessante em aderência com uma fendinha maravilhosa que é protegida com camalot 1, 0.5 e 0.75, não necessariamente nessa ordem. Realmente espetacular, bem depois, já em P15 eu achei um maravilhoso diedro, também protegido em móvel, filé!! Chegamos no cume por volta das 14h30 e encontramos os nossos amigos Maicon e Filipinho que tinham feito a via Cidade dos Ventos.

Fiquei no cume ainda pensando na guiada e apreciando aquela paisagem maravilhosa. Em seguida montamos o nosso rapel pela via Silvio Mendes, que embora seja mais demorado é muito mais seguro e recomendado para a descida do Pico Maior. Agora quero voltar e guiá-la toda!!!

Julio Mello